

Um novo PMDB descartável

Villas-Bôas Corrêa

Com a sua celebrada habilidade em contornar crises sem resolvê-las, o dr Ulysses deu a volta no impasse da Constituinte e conseguiu uma trégua que não ilude a ninguém.

Certamente que nem um lado nem o outro fala sério, quando ameaça obstruir a votação no plenário, cristalizando uma resistência indefinida e que não suportaria a pressão da opinião pública.

A explosão do plenário estava à vista, antecipando-se nos seus claros prenúncios, denunciando-se na evidência de um seriado de erros que se vêm acumulando desde a instalação dos trabalhos da Constituinte e caracterizando uma situação insustentável de deformação do jogo aberto, limpo, com a obediência às boas regras tradicionais.

Portanto, antes da identificação de responsabilidades, para as devidas cobranças, é conveniente começar por definir o que está acontecendo, nas suas exatas dimensões. Ora, o centrão democrático apresenta muitas semelhanças com o PMDB, à frente da transição e que vem empilhando omissões para escapular da oficialização do racha. No centrão juntam-se todos os que, circunstancialmente, se encontram na mesma indignação contra a ditadura exercida sobre a Constituinte pelos equívocos reiterados do PMDB. É fácil reconhecer no bolo que rabisca os jamegões (alguns depois se arrependem e retiram as rubricas. É sempre sinuoso o risco dos hesitantes), no documento exigindo a liberalização do regimento interno para a aceitação de emendas ao anteprojeto final da Comissão de Sistematização, uma óbvia maioria conservadora: Lógico: a minoria à esquerda está enterrada até o pescoço nas transas da Comissão de Sistematização, negociando no varejo e firmando acordos surpreendentes. Mas, é uma tolice reduzir a rebeldia do plenário a um surto reacionário.

O centrão, como frente, é também a reação dos conservadores que se consideram trapaceados na montagem do anteprojeto, mas é, acima de tudo, um estado de espírito coletivo.

Por isso, como articulação, o centrão deve sobreviver até alcançar o seu objetivo consensual que é o reconhecimento do direito reclamado pela maioria de apresentar emendas ao anteprojeto da Comissão de Sistematização.

Feito o que, o centrão se despede numa comemoração da vitória e cada um vai cuidar da sua vidoca. Alguns, é certo, continuarão juntos em mais alguns trechos do percurso. Mas, depois da implosão da frente ampla que encurralou o dr Ulysses e dele arrancou um constrangido recuo.

Não há outros temas que reúnam, em unanimidade



milagrosa, as centenas de subscritores do manifesto do centrão.

O que quer dizer que, arrombadas as porteiças da intransigência, novas articulações, em cada caso, terão que ser improvisadas para substituir os partidos que se licenciaram.

O centrão é o sucedâneo do PMDB, a preencher o vazio aberto com o encolhimento da legenda que escondeu a cabeça na areia para fugir da ventania. Com o PMDB atuando, assumindo as suas responsabilidades majoritárias, honrando os compromissos de campanha, a história seria outra e não haveria nem rebelião do plenário nem centrão. Mas ao contrário, uma Constituinte com comando, liderança, conduzida pela bancada majoritária.

Ora, muito bem. Depois de um susto, outro. A revolta do plenário era inevitável. Aconteceria mais dia, menos dia e até demorou muito. Não é possível submeter 4/5 do plenário a uma marginalização humilhante e acreditar que não vai acontecer nada. Uma vez mais, a omissão dos partidos criou as condições para esse estado de deterioração dos laços que devem ligar os parlamentares às suas legendas. Se os partidos não se definirem sobre nada, se não há posições sustentadas pelas lideranças, ninguém se considera representado pelo seu partido. O princípio da delegação está sendo contestado, corroído pela indisciplina, desmantelado pela insubordinação.

O centrão é efêmero no seu tamanho inchado, nos exageros das adesões.

A Constituinte não superou os perigos que a rondam. Ela continua a se aproximar das rodadas decisivas de votação pelo plenário, retalhada em postas, partida em muitos pedaços. Tanto pode pender para um lado como para outro. Na mesma medida em que ameaça reverter os avanços sociais pode enveredar para a corrida individualística de inspiração demagógica e ampliar as conquistas populares, cedendo às pressões que se multiplicarão no gargalo das definições.

O plenário reagiu, encontrando-se à sombra de uma articulação conservadora. Esta é a sua verdade: a Constituinte é centrista por sua esmagadora maioria. Mas ela vai sendo também trabalhada por manobras opostas. E paira o fantasma de uma Constituição sufocantemente conservadora deflagrar um movimento de revisão, estopim de nova agitação social. Em cima da crise, às vésperas de uma provável mudança do sistema de governo e com campanha eleitoral no horizonte cada vez mais próximo.

O que está acontecendo na Constituinte não pode ser reduzido a uma explicação linear, na simplificação da causa única. A dura verdade é que estamos purgando graves pecados. O tempo desperdiçado numa fase de enganosos acenos à participação da sociedade, as espertezas da composição da Comissão de Sistematização, as novidades desastrosas do Regimento Interno, tudo isso está desembocando no impulso da rejeição. Mais caótico do que conservador.